

POLIFONIA EM ANA Z, AONDE VAI VOCÊ?

Simone Campos Paulino

(Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, UERJ

e professora especialista em Literatura Infantojuvenil)

simone.paulino@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho busca revelar como se faz presente a polifonia na obra da autora Marina Colasanti intitulada *Ana Z, aonde vai você?*. A novela infantojuvenil de Colasanti, no decorrer da narrativa, dialoga com diversos outros textos, corroborando para a presença de mais de um tipo de intertextualidade. Entre as marcas das narrativas de Colasanti, podemos destacar o uso elementos de outros textos ao criar seus universos ficcionais, estabelecendo; desta forma; diversos diálogos possíveis com outros textos. Ou seja, encontra-se presente no estatuto ficcional da autora o processo intertextual. Iremos, portanto, analisar o caso específico da obra *Ana Z, aonde vai você?*, novela na qual a autora faz referências a outros textos, algumas vezes de forma mais implícita; outras vezes de forma mais explícita. *Ana Z, aonde vai você?* é um exemplo de uma narrativa formada por um coro de vozes, uma narrativa que podemos definir, portanto, como polifônica.

Palavras-chave: Intertextualidade, polifonia, literatura infantojuvenil

1. POLIFONIA/ INTERTEXTUALIDADE

Os contos de Marina Colasanti nos remetem aos contos de fadas, devido à sua estrutura. Entretanto, podemos vislumbrar nas narrativas da autora o eco de outros autores, isto é, a intertextualidade é um elemento de forte presença em sua obra.

Entendemos aqui por intertextualidade a interação entre textos, em um sentido lato. Porém, ao estreitarmos o conceito de intertextualidade com os estudos literários, veremos que a intertextualidade está além da simples interação, relação entre os textos. Trata-se de uma relação também cultural, onde toda produção cultural remete a outra já existente.

Os estudos sobre a intertextualidade tiveram seu início com Mikhail Bakhtin, que ao analisar a poética do autor Fiódor Dostoiévski, percebeu a existência de uma pluralidade de vozes que teciam o mesmo texto, isto é, ele engendrou, a partir dos romances de Dostoiévski, o conceito de polifonia. Apesar de ser Bakhtin o autor da teoria inicial do que viria a ser a intertextualidade que atualmente estudamos, coube a Julia Kristeva desenvolver de fato o conceito de intertextualidade e a Roland Barthes difundir esse pensamento. O termo intertextualidade jamais apareceu nas obras de Bakhtin.

Esse ato de inserir um texto em outro, foi definido por Mikhail Bakhtin como polifonia e *“O que Bakhtin chama de ‘polifonia’ é simplesmente aquele fenômeno cujo outro nome vem a ser dialogismo”* (CLARCK e HOLQUIST, 2008, p. 261). Entendemos aqui como dialogismo a interação que ocorre entre os textos. Segundo José Luiz Fiorin

(...) o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. (FIORIN, 2008, p. 24)

A intertextualidade com os contos de fadas é um traço evidente na obra de Marina Colasanti, uma vez que o pastiche é usado pela autora de forma constante, tendo como molde de seus textos, os contos de autores famosos como os irmãos Grimm e Perrault. No entanto, além dos já citados contos de fadas, a obra da autora possui ecos de obras clássicas da literatura universal.

Os diálogos com outros textos literários é uma característica cada vez mais em voga nos textos contemporâneos, dando, obviamente, maior importância à intertextualidade na produção literária, principalmente a produção pós-modernista.

Os discursos pós-modernos instalam e subvertem convenções; e normalmente tratam essas contradições com ironia e paródia. Empregando formas e expectativas tradicionais e as destruindo ao mesmo tempo (...).

O discurso pós-modernista também desafia os limites fixos entre os gêneros (...). (SAMUEL, 2002, p. 122)

O fenômeno da intertextualidade se dá de formas diferentes, dependendo do tipo de relação existente entre o texto de origem e o texto originado. Um texto pode remeter a outro de forma suave, grosseira, reafirmando ou negando suas principais ideias. Devemos nos ater, porém, ao fato de que para reconhecer o fenômeno da intertextualidade/polifonia é necessário que o leitor abarque, em seu conhecimento de mundo, títulos literários e; em alguns casos; o reconhecimento de elementos que se encontram fora do espaço literário se faz necessário.

2. ANÁLISE DA NOVELA ANA Z, AONDE VAI VOCÊ?

Nas narrativas colasantianas é possível vislumbrar as vozes de diversos autores, que por vezes discordam com as ideias propostas pela autora. Desta forma, o fenômeno intertextual, nos contos de Colasanti, torna-se muito mais abrangentes e a narrativa

muito mais densa e repleta de significados implícitos que necessitam ser decodificados pelo leitor, buscando dele referências de textos literários anteriormente lidos.

Se é literatura, mais cedo ou mais tarde, (...) está sujeita a que nela aflorem vestígios de outros textos ou fantasmas de outros escritores com os quais dialoga. (MACHADO, 2011, p. 90-91)

Tratamos aqui, portanto, no decorrer deste trabalho, dos fantasmas de outros autores que dialogam com os contos de Colasanti. As vozes que ecoam em seus contos de forma consoante ou dissonante. Vejamos a seguir as relações que podemos estabelecer entre a novela de Colasanti, *Ana Z, aonde vai você?*, e obras como *Alice no País das Maravilhas* e *As mil e uma noites*.

Na novela *Ana Z, aonde vai você?*, Colasanti conduz o leitor numa insólita aventura onde a protagonista Ana Z., ao cair em um poço, encontra, no fundo dele, um mundo fantástico, repleto de significados ocultos característicos do maravilhoso simbólico.

Entendemos aqui como maravilhosos simbólico, narrativas

(...) cuja efabulação atrai por si mesma, isto é, pelo referencial, pela história que transmite ao leitor, mas cujo cuja significação essencial só é apreendida quando o nível metafórico de sua linguagem for percebido ou decodificado pelo leitor. (COELHO, 2000, p.159)

Marina Colasanti é conhecida por utilizar em seus textos a estrutura clássica dos contos de fadas, entretanto, afastando-se um pouco das outras obras infantojuvenis da autora, *Ana Z, aonde vai você?* não mantém essa estrutura, em verdade, a extensão da narrativa dessa obra difere da estrutura de um conto, sendo mais extensa, portanto, pode ser classificada como uma novela. Segundo Nely Novaes Coelho “(...) o conto registra um momento significativo na vida da(s) personagem (ns).” (COELHO, 2000, p. 71), enquanto que a novela “É uma longa narrativa estruturada por várias pequenas narrativas (...), cuja unidade global é dada pela presença de um elemento coordenador:

o herói (...).” (COELHO, 200, p. 72). Além desse afastamento estrutural das outras obras da autora, *Ana Z, aonde vai você?* possui uma personagem com nome próprio, isto é, Ana, diferente das outras personagens de Colasanti que são reconhecidas por seu título de nobreza, por sua profissão, enfim, pelo papel que desempenha na sociedade (Tecelã, Rei, Rainha, Princesa, Dama, Jardineiro, Menina, Irmã). Sendo assim, há um traço impressionista nos contos da autora, uma vez que, além de remeter aos tempos remotos dos contos de fadas, isto é, a um tempo impreciso; não dá aos seus personagens um nome próprio, um nome que os destaque daquele mundo como únicos. As personagens de Colasanti são indissociáveis dos universos narrativos criados pela autora, uma vez que aquelas personagens só existem devido ao papel que desempenham naquele mundo. Podemos classificar as personagens de Colasanti como personagens-tipo. Entendemos aqui como personagem-tipo aquela personagem que “(...) *corresponde a uma função ou a um estado social (...) são também personagens-tipos aquelas que (...) representam funções de trabalho (...)*” (COELHO, 2000, p.75).

Apesar de se distanciar das outras obras da autora, *Ana Z, aonde vai você?* também possui traços que revelam certa imprecisão na narrativa. Ana Z, embora tenha um nome, possui o sobrenome suprimido, sendo representado apenas pela letra Z, como uma espécie de sigla ou alcunha que não deixa revelar por completo a identidade da heroína da novela colasantiana. O tempo da narrativa também é impreciso, apesar de não se tratar dos tempos remotos dos contos de fadas.

Esta história começa com Ana debruçada à beira de um poço. (...) Não sei nem ao menos se o poço está num campo, ou num jardim. A verdade é que não sei nada da vida de Ana (...). Sei que a letra Z é do seu sobrenome, mas ignoro as outras letras. (COLASANTI, 2007, p. 7)

Como revelado anteriormente, a narrativa de *Ana Z, aonde vai você?* inicia com a queda da heroína em um poço, no qual ela descobre um vasto mundo. Essa narrativa

simbólica expressa os anseios da passagem da infância para a adolescência, uma vez que, ao fim da narrativa, quando sai do poço, “*Ana limpa na saia as mãos sujas de ferrugem. Céus, que tão curta está essa saia!*” (COLASANTI, 2007, p. 81). Não era a roupa que havia encolhido, mas Ana era quem havia crescido durante a narrativa.

Nessa obra fica evidente a relação com a personagem Alice, que por consciência, ou não, possui como inicial de seu nome também a letra A. Alice é personagem do livro *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Na narrativa de Carroll, ao perseguir um coelho, Alice cai em um buraco, na toca, onde encontra um mundo subterrâneo povoado por personagens incomuns.

Enquanto que para Alice sua queda no buraco ocorrera por acidente; para Ana, cair no poço foi uma escolha. Ao ver seu colar partir-se e as contas de marfim em forma de rosa caírem no poço, Ana desce atrás de seu objeto perdido. Marina Colasanti, em entrevista contida no livro *Ana Z, aonde vai você?*, observa sobre as semelhanças da obra com o romance de Carroll que

(...) há diferenças fundamentais, diferenças de conceito e de momento social. Alice cai na toca. Ana não cai, ela escolhe descer (...). Alice é levada pelos acontecimentos. Ana realiza uma busca voluntária (...). Alice acorda (...). Ana não precisa acordar, porque não sonhou. (COLASANTI, 2007, p. 86)

Colasanti, em *Ana Z, aonde vai você?*, realiza um processo próximo da paródia, ao utilizar-se da narrativa de Carroll, adaptando-a ao mundo moderno, dando a ela contornos e sentido para a nossa sociedade, fazendo das aventuras de Ana Z., mais que um sonho insólito, um processo de crescimento. Através das aventuras insólitas de Ana, narradas por Colasanti, podemos ver a jovem Ana passar da condição de menina e enfrentar os desafios da adolescência, entretanto as situações insólitas sofridas por Ana foram realidade, indo em direção contrária a Alice de Carroll, que apenas sonhou.

Entendemos aqui como paródia um tipo de intertextualidade que discorda com o texto original. “A paródia é (...) uma forma de apropriação que, em lugar de endossar o modelo retomado, rompe com ele, sutil ou abertamente.” (Grifo nosso) (PAULINO, WALTY e CURY, 2005, p.36).

Affonso Romano de Sant’Anna, crítico literário e autor do livro *Paródia, Paráfrase & cia*, propõe um modelo para melhor compreender as diferenças entre a intertextualidade chamada de Paródia e a denominada Paráfrase, as definindo como estilização positiva (paráfrase) e estilização negativa (paródia). Tal denominação é feita seguindo a ideia que a paráfrase concorda com o texto original, sendo positiva em relação a ele; e a paródia discorda e/ou ridiculariza o texto original, sendo negativa em relação a ele.

Os títulos dados aos capítulos da novela de Colasanti também merecem o devido destaque, uma vez que, até mesmo os títulos fazem diálogo com outros textos, ou melhor, os títulos fazem referência aos ditos e aos termos populares. Utilizando-se do recurso da apropriação, Colasanti utiliza citações populares formando títulos como “De grão em grão Ana avança”, “Quem conta um conto”, “De vento em popa”, “O que os olhos não vêem”, “Um salto rumo às estrelas”, “Era uma vez no Oeste”.

A apropriação é o nome dado ao tipo intertextualidade onde fragmentos de um texto são utilizados. Não trata-se de um plágio, mas de uma forma de “colagem” de textos.

No capítulo denominado “Quem conta um conto”, Colasanti nos remete a outra famosa narrativa, distante, porém, do romance inglês de Carroll. Nesse capítulo, em particular, existe uma alusão ao clássico da literatura *As mil e uma noites*, de origem persa, sendo esse clássico tido como marco inicial dos contos maravilhosos.

Quando utilizamos o termo “alusão”, afirmamos que a retomada ao texto original é feita de forma sutil, onde alguns detalhes da narrativa originada nos fazem recordar a narrativa de origem. A alusão faz menção a outro texto de forma implícita, sendo necessário o autor ter um conhecimento de mundo suficiente para se dar conta da ocorrência de um processo intertextual.

Como revelamos em parágrafos anteriores, o capítulo de *Ana Z, aonde vai você?* intitulado “Quem conta um conto” faz uma alusão a história d’*As Mil e uma noites*. Narra *As mil e uma noites*, sobre um sultão que, após ser traído por sua esposa, a mata e a partir de então, desposa outras mulheres, matando-as depois da noite de núpcias. O rei, após vários casamentos, escolhe para desposar a filha do vizir, membro mais importante de sua corte. A filha do vizir, Sherazade, no entanto, elaborara um audacioso plano para sobreviver após a noite de núpcias: Conta ao rei Shariar uma história que se entrelaça a outra. Sherazade forma uma cadeia de histórias que nunca terminam na mesma noite, fazendo com que as histórias durem mil e uma noites e o rei, conquistado pela filha do vizir, deixe-a viva.

No capítulo “Quem conta um conto”, a jovem Ana de Colasanti encontra-se presa em uma torre. Nessa torre Ana conta histórias para um sultão e, para que esse não a mate, Ana; assim como Sherazade; conta as histórias de forma a encadeá-las. Apesar da semelhança entre as histórias, a relação de Ana com o Sultão não é amorosa e o desejo dele na verdade não é matá-la, mas precisa fazê-lo para satisfazer o carrasco do reino que “*Está com aquela roupa de execução, nova em folha (...). E nunca, nunca carrasqueou ninguém...*” (COLASANTI, 2007, p. 38). Ao pender para o humor, devido ao motivo fútil pelo qual Ana está sentenciada a morte, Colasanti oferece aos seus leitores uma paródia de *As mil e uma noites*. Isto é, “(...) uma imitação de um texto ou

de um estilo que procura desqualificar o que está sendo imitado, ridicularizá-lo, negá-lo.” (FIORIN, 2008, p.42)

As histórias contadas por Ana nesse capítulo também corroboram para o efeito parodístico, uma vez que as histórias contadas são contos de fadas, que de forma criativa são interligados pela heroína da novela de Colasanti.

(...) Ana começa a contar como o lobo engoliu a vovó. E como, tendo feito a digestão, pôs-se a pensar na sua vida de comedor de gente, chegando à conclusão que estava cansado do menu, e mais ainda da ferocidade. “No fundo”, disse o lobo, (...) “nasci para arte”. (...) “Serei músico”, estabeleceu. E tendo decidido seu futuro, deixou a casa da vovó, tomando o caminho da cidade de Brêmen. (COLASANTI, 2007, p. 36)

Ana nos remete, nesse capítulo, aos contos de fadas em suas narrativas para o sultão. Existe aqui, portanto, mais de um tipo de relação intertextual que atravessa este capítulo de *Ana Z, aonde vai você?*. Como vimos anteriormente, a relação do texto de Colasanti, mais especificamente do capítulo “Quem conta um Conto”, com *As mil e uma noites* é uma relação parodística. Entretanto a relação entre esse capítulo e contos de fadas, como “Chapeuzinho vermelho” e “Os músicos de Brêmen” que pudemos vislumbrar no fragmento citado, é uma relação parafrástica, pois ao resumir ou contar uma história estamos parafraseando-a. Apesar disso, vemos aqui também o pastiche, pois Colasanti utiliza o formato, o molde narrativo dos contos de Sherazade e os preenche com contos de fadas, isto é, a autora utiliza a mesma estrutura da narrativa persa, mas altera o seu conteúdo original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho nos foi possível vislumbrar alguns tipos de intertextualidade presentes nas narrativas de Marina Colasanti. Foi-nos possível também

evidenciar o fato de que os estudos sobre polifonia desenvolvidos por Mikhail Bakhtin continuam em voga nas narrativas contemporâneas.

A intertextualidade está presente no estatuto ficcional de Marina Colasanti, sendo assim, perceber a intertextualidade nos textos da autora é vislumbrar uma das bases que constrói suas narrativas, é observar um dos elementos fundamentais de sua escrita. Compreendemos aqui que a intertextualidade presente nas obras da autora são diálogos com outras obras.

Segundo as teorias de Mikhail Bakhtin, sobre o dialogismo; que atualmente culminou no que denominamos intertextualidade; um enunciado nunca é homogêneo, pelo contrário, é característica do enunciado ter duas ou mais vozes. Sendo assim, afirmar que a novela infantojuvenil de Colasanti; *Ana Z, aonde vai você?*; é, essencialmente, intertextual é afirmar sua característica heterogênea, isto é, considerar a existência das vozes que transpassam a obra da autora, gerando uma polifonia. Sendo assim, a narrativa de Colasanti não pode ser apreendida como dialogismo monofônico, uma vez que, nesse discurso são representadas vozes de outros discursos, ou melhor, afirma-se a existência de outros discursos no interior da obra da autora.

ABSTRACT

This study aims to reveal how the polyphony is present in the work of author Marina Colasanti entitled *Ana Z, where are you?*. The novel of Colasanti juvenile, in the course of the narrative, dialogues with several other texts, corroborating the presence of more than one type of intertextuality.

Among the brands of the narratives of Colasanti, we highlight the use of elements from other texts to create their fictional universes, setting, thus, many possible dialogues with other texts. That is, this is the status of the fictional author intertextual process.

We will therefore examine the specific case of the work *Ana Z, where are you?*, Novel in which the author makes references to other texts, sometimes more implicit, sometimes more explicitly. *Ana Z, where are you?* is an example of a narrative formed by a chorus of voices, a narrative that we can define, therefore, as polyphonic.

Keywords: Intertextuality, polyphony, children's literature

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. 1ª Edição. Ed. Contexto, São Paulo, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes *Literatura infantil: Teoria, análise, didática*. 1ª Edição. Ed. Moderna, São Paulo, 2000.
- COLASANTI, Ana Z, *Aonde vai você?* 13ª Edição. Ed. Ática, São Paulo, 1993.
- CLARK, Katherine; HOLQUIST, Michael *Mikhail Bakhtin*; [tradução: J. Guinsburg]. 1ª Ed. Perspectiva, São Paulo, 2008.
- CURY, Maria Augusta; WALTY, Ivete; PAULINO, Graça *Intertextualidades - Teoria e Prática* 1ª Edição Ed. Formato, São Paulo, 2005.
- FIORIN, José Luiz *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 1ª Edição Ed. Ática, São Paulo, 2008.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria *Ler e Compreender: Os sentidos do texto*. 2ª Edição. Ed. Contexto, São Paulo, 2008.
- MACHADO, Ana Maria *Silenciosa Algazarra: Reflexões sobre livros e práticas de leitura*. 1ª Edição Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.
- SAMUEL, Rogel, *Novo Manual de teoria literária*. 1ª Edição, Ed. Vozes, Petrópolis, 2002.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de *Paródia, paráfrase & Cia*. 7ª Edição Ed. Ática, São Paulo, 2003.

SILVA, Vera Maria Tietzmann *A dupla face dos contos de Marina Colasanti*. Comunicação apresentada no Encontro Nacional da ANPOLL, Gramado – RS, junho de 2002.